

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME UM

Antes dos Lagartos, Pedro Eiras
Arte da Guerra, Fernando Moreira
Balancé, Ângela Marks
Dorme Devagar, João Tuna
O Espantalho Teso, Jorge Loureiro Figueira

5

cadernos **Dramat**

3,00 €

JAZZ
PÚBLICA DE PORTUGAL





DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCÉ

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Antes dos Lagartos

Pedro Eiras

Arte da Guerra

Fernando Moreira

Balancé

Ângela Marks

Dorme Devagar

João Tuna

O Espantalho Teso

Jorge Louraço Figueira

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Anos de Luta

Arte da Guerra

Batallas

Novas Lutas

Primeiro Devoto

João José

O Espantalho 1950

João José

Título: *Dramaturgias Emergentes I*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-016-7

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Antes dos Lagartos, <i>Pedro Eiras</i>	11
Arte da Guerra, <i>Fernando Moreira</i>	59
Balancé, <i>Ângela Marks</i>	115
Dorme Devagar, <i>João Tuna</i>	163
O Espantalho Teso, <i>Jorge Loureiro Figueira</i>	193

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que pensemos hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

ARTE DA GUERRA

FERNANDO MOREIRA

Dedicatória de NICOLAU MAQUIAVEL a LOURENÇO STROZZI, a propósito da sua obra *A Arte da Guerra*.

A vós compete, Lourenço, apreciar o meu trabalho e julgar se merece elogio ou censura. A vós o dedico, não só como prova de gratidão dos benefícios que me haveis proporcionado, já que na minha situação não posso dar-vos outra, mas também por ser costume honrar, nesta espécie de trabalhos, os nomes dos que brilham pela sua nobreza, riqueza, génio e liberalidade; sendo que em nobreza e riqueza não muitos vos igualam; em génio, poucos, e em liberalidade, ninguém.

Deve trocar-se LOURENÇO STROZZI por ANTÓNIO MERCADO, e com todo o respeito NICOLAU por FERNANDO.

PERSONAGENS

SANDOKAN
TUBORG
ESCORPIÃO
POPOV
ANJO
GENERAL
CEGO
RAPARIGA
MÉDICO
PRIMEIRA MULHER
SEGUNDA MULHER
LÚCIO
MÃE DO VULCÃO
SOLDADO N.º 1
SOLDADO N.º 2

Primeira Cena

No ciclorama são projectados filmes de três guerras: Bósnia, Kosovo e Tchéchenia. O general aparece ao fundo junto do ciclorama. Avança até ao centro. Agarra do chão uma folha de papel amachucada. Desdobra-a. Dirige-se à plateia com a folha na mão direita.

GENERAL (lê) “Pelas zero horas do dia trinta e um de Dezembro, a força de elite Step by Step do Exército Europeu entrará em Libangidá e exterminará todos os seus habitantes.” Meus senhores, vim da América para cumprir esta missão... E levá-la-ei, com todo o pragmatismo, até ao fim. Mandei fazer milhares de cópias... Fiz subir o avião e lancei-as, eu mesmo, no cinzento céu de Libangidá... Deus foi minha testemunha. Digo-vos que não sou homem para matar outro homem que não esteja preparado para o combate. Eu quero vê-lo, olhá-lo nos olhos, adoro ouvi-lo rosnar... Aí sim, o disparo tem o sabor de solução final. *(deita a folha ao chão)* Meus senhores, estou de consciência perfeitamente tranquila. Assumo o comando do Exército Europeu e, repito, levarei a missão até às últimas consequências. *(Dirigindo-se aos soldados; no ciclorama filme de movimentos das tropas, soldados em parada, tanques em formação, etc.)* Vamos soldados, cada qual à sua patrulha. Os sentidos bem despertos e a arma sempre em punho! A atenção redobrada! Nem um segundo de hesitação! Avancemos convictos da vitória. A caminho! Não vos deixeis assustar pelo que ides encontrar: centenas de vagabundos, prostitutas e travestis, deficientes mentais, farrapos humanos, drogados, imigrantes ilegais... a escória que o resto da Europa cuspiu para Libangidá. Os fracos assustam-se, mas vós, não! Vós fostes treinados para suportar o impossível! Somos a polícia do mundo, sabemos lutar no mais sombrio cenário de guerra e, como soubemos vencer na Bósnia, no Kosovo e na Tchéchenia, também o saberemos aqui. Aliás, aqui, será mais fácil. A cidade definha, a nossa missão será apenas precipitar os factos. Vamos limpar a casa! Vamos varrer a decadência do continente europeu! Libangidá é um cancro, a nossa missão a cirurgia. Libangidá é um aborto, um aborto ideológico! Vamos enterrar a escória dessa pátria enferma nas profundezas do planeta! A nossa missão é um favor que prestamos à humanidade. Mortos os homens e os animais, destruídas as casas, revolvida a terra, nem a erva daninha crescerá nessa imensa planície que foi Libangidá. *(ruído de aviões a aterrar)* Oçam. É o resto da escumalha que chega! A podridão é vomitada para Libangidá. Fixai este objectivo: pelas zero horas entrai a matar... Que Deus nos acompanhe!

Segunda Cena

Aeroporto. Rede metálica rasgada. Carcaça de automóvel com uma azinheira à frente. Tanque de água que abastece a cidade. Popov está em cima da carcaça. Encostado ao tanque da água está Tuborg, que espreita para dentro do tanque.

POPOV Que horas são?

TUBORG Dez e sete. (*ansiedade*) Deitaste o veneno?

POPOV Deitei.

TUBORG Todo?

POPOV Está aí o pacote vazio! O tanque abastece a cidade?

TUBORG Libangidá toda...

Pausa longa. Ansiedade crescente.

POPOV Que horas são?

TUBORG Por amor de deus, Popov! Controla-te! Que raio de soldado és tu?

POPOV Estou nervoso!

TUBORG Estamos todos nervosos.

POPOV Que ho...? Nada, nada... Não é nada! Estava a pensar noutra coisa.

TUBORG (*olha intensamente Popov*) Em que é que estás a pensar?

POPOV (*ruído de um avião a fazer-se à pista*) Nada, nada de especial... É que eu... às vezes... tenho assim, não sei... algumas dúvidas... mas nada de extraordinário. Pergunto-me se... não, não pode ser... Olha, mais um avião!

TUBORG Fala, soldado!

POPOV Tu achas que... quer dizer... Tens a certeza que o Sandokan e o Escorpião estão do nosso lado?

TUBORG Se não estivessem, achas que teriam ido buscar os bilhetes?

POPOV Não sei... eles saíram daqui a tal velocidade que parecia que um já voava para a América e o outro para a Índia.

TUBORG Sem bilhetes não voam para lado nenhum.

POPOV Exactamente! Eles não são trapezistas, não têm asas... e muito menos são anjos, não é?

TUBORG Jurámos fugir juntos, é isso que acontecerá. Aliás, eu acho que tu é que devias ter ido buscar os bilhetes!

POPOV Porquê eu?

TUBORG Foste tu que fizeste o contacto. Quem é a mulher que lhes vai entregar os bilhetes?

POPOV É uma stripper profissional.

TUBORG Eles nunca a viram, podem não reconhecê-la! Além disso, o Escorpião é maluco por gajas...

POPOV Se visses a miúda... ficavas maluco! Lá no Mishima Hard Club os clientes babam-se... Digo-te mais, se ela se apaixonasse por mim, nunca me passaria pela cabeça desertar!

TUBORG Há homens que gostam de viver encornados.

POPOV Desculpa lá, Tuborg! Que raio de conversa é essa? Encornado? Não me fudas!

TUBORG Então, soldado... Onde é que está o teu sentido de humor?

POPOV Evaporou-se! Eles que trazem a porcaria dos bilhetes, quero apanhar a merda do avião à meia-noite... fazer escala em Paris e aí, vai cada um para seu lado: tu para a Austrália, eu para África, o Sandokan para a América, o Escorpião para a Índia... Nunca mais nos vemos... Nunca mais.

TUBORG É hoje que te vais chatear comigo? Então, amigo? Hoje não, Popov!
(*riso infantil de Popov. Abraço*)

POPOV Tu queres fugir para a Austrália, porquê?

TUBORG Por causa dos cangurus.

POPOV Eu sabia que gostavas de animais! Mas... cangurus?